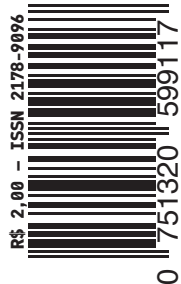


edição
especial
de 8 anos

Maio, Junho, Julho e Agosto de 2018

38

Jornal Psicologia em Foco



**O espectador reativo
no cinema soviético**

10 e 11 sessão especial

Entrevista com Flávio Ricardo Vassoler
4 e 5 entrevista

**Chronos e Kairós: temporalidades do
sujeito do inconsciente**

13 psicanálise



Edição Nº 38
Maio, Junho,
Julho e Agosto
de 2018

COORDENAÇÃO

Vinicius Romagnolli R.
Gomes (CRP 08/16521)

REDAÇÃO

Ana Gabriela Monteschio,
Eduardo Chierrito
(CRP 08/22624), Emily
Albuquerque (CRP 08/24208),
Laura Christofolletti
(CRP 12/16691), Gabriela
Romagnolli, Marcos Paulo
Shiozaki (CRP 08/23463),
Toni Trentinalha (CRP
08/26248), Luciano Biondi,
Gabriel Arndt, João
Henrique Piva Boeira,
Lauren Stephani Soares de
Carvalho, Letícia Cabral
Gonçalves Lopes, Cícero
Félix (CRP 08/24633),
Gabriela Cristófoli
Pereira (CRP 08/26144),
Thaynara Felipe (CRP
08/23925)

REVISÃO

Luana Ramos Rocha
(CRP 08/27072), Laura
Christofolletti (CRP
12/16691)

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vermelho Panda Design

DIVULGAÇÃO

Eduardo Chierrito (CRP
08/22624), Francieli Ferri,
Thaynara Felipe (CRP
08/23925)

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário

TIRAGEM

2000 exemplares

ENTRE EM NOSSO FACEBOOK PARA ACESSAR CONTEÚDOS EXCLUSIVOS

[facebook.com/
psicologiaemfocoinstituato](https://www.facebook.com/psicologiaemfocoinstituato)

PUBLIQUE SEU ARTIGO

enviando um e-mail para
redacaojpf@gmail.com

ou entre em nosso site
para maiores informações
institutopsicologiaemfoco.com.br

EDITORIAL

JPF: 8 anos de viagem

Jornal Psicologia em Foco Nº 38 - ISSN 2178-9096



Vinicius Romagnolli R. Gomes

Psicólogo clínico (CRP 08/16521),
historiador e professor universitário.
Doutorando em psicologia pela
UNESP.

Caros leitores, mais uma vez me deparo com a sensação estranhamente familiar de escrever sobre uma edição comemorativa do JPF; desta vez para celebrar seu 8º aniversário. De todas as metáforas que me ocorreram para tentar traduzir o que tem sido essa experiência, a melhor a meu ver foi a da viagem. Por mais que programemos uma viagem e façamos uma lista minuciosa e obsessiva de tudo aquilo que esperamos ver e viver, nunca se sabe ao certo aonde ela pode nos levar e assim tem sido essa aventura de 8 anos no JPF; hoje entendo melhor a frase de Clarice “perder-se também é caminho”, pois ao longo desse tempo demos muitas trombadas, erramos e nos reinventamos; aqui gosto de pensar na frase atribuída a Oliver Cromwell “nunca se vai tão longe como quando não se sabe para onde se vai”. Desde 2010, o JPF levou seus integrantes e seus leitores a uma verdadeira viagem a partir de seus textos e eventos por temas que vão desde as “fases da vida” às “emoções”, passando por clássicos da psicologia, mitologia e literatura que nos levaram nessa edição à uma viagem cultural para a Rússia. Penso que ainda temos muito a viajar, seguindo a recomendação de clássicos como Michel de Montaigne, Fernando Pessoa e J.R.R Tolkien, este último que sabiamente disse “O homem precisa viajar para não se tornar mestre e doutor daquilo que nunca viu”. Que venham, portanto, novos aniversários, novas aberturas e novas viagens! Uma boa leitura...

“Costumo responder, normalmente, a quem me pergunta a razão das minhas viagens: que sei muito bem daquilo que fujo, e não aquilo que procuro” (Michel de Montaigne)

“Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguais e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são” (Fernando Pessoa)

“A verdadeira arte de viajar...
A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa,
Como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo.
Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali...
Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando! (Mário Quintana)

JORNAL
PSICOLOGIA EM FOCO
8 ANOS
DE EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADORAS
DESDE 2010

Promovemos experiências transformadoras para que a comunidade (acadêmica e leiga) possa ter acesso à psicologia de uma maneira inovadora.

Conheça a equipe do JPF!



Leia as edições de nosso jornal
também online:

institutopsicologiaemfoco.com.br

Aproveite e assine o JPF e
receba as edições anuais na
comodidade de sua casa!

Entre em contato com

ipfoficinadosaber@gmail.com

assine o nosso jornal

faça parte de
nossa história

receba as edições
anuais no conforto de
sua casa ou em sua
clínica e ainda ganhe
descontos nos cursos
da Oficina do Saber



mais informações:

(44) 99836.9484

(44) 99112.4469

ipfoficinadosaber@gmail.com

Flávio Ricardo Vassoler



Escritor e professor, é doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH-USP), com pós-doutorado em Literatura Russa junto à Northwestern University (EUA).

JPF – *Freud admirava os literatos de seu tempo e isso fica evidente quando se trata de Dostoiévski, autor que teria escrito, na opinião de Freud, a obra magna da literatura mundial – Os irmãos Karamázov. Como podemos compreender essa admiração?*

FLÁVIO – Certa vez, ao ler uma biografia de Freud, escrita pelo historiador e psicanalista Peter Gay – *Freud: Uma vida para o nosso tempo* –, deparei-me com uma colocação lapidar do fundador da psicanálise: que seria preciso parar de ler os filósofos alemães Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche; “do contrário eu não conseguirei dizer nada de novo”, afirmou Freud. Nós bem poderíamos acrescentar Dostoiévski para formar uma tríade de profunda influência sobre Freud. Dinâmicas como o entrelaço entre Eros e Tânatos, pulsão de vida e pulsão de morte; o entrelaçamento (contraditório e incestuoso) envolvendo sadismo e masoquismo; o narcisismo mais tresloucado rente à culpa mais lancinante. Tais temas, sobremaneira freudianos, embasam e transpassam a obra de Dostoiévski.

Em *Os irmãos Karamázov*, Dostoiévski escarafuncha a questão do parricídio – o assassinio tanto do Pai Deus, quanto do pai Fiódor Pávlovitch Karamázov. Pai, este, bufão e orgiaco, que disputa o amor, isto é, a lascívia e o espólio, da bela Grúchenka, uma das mulheres mais pungentes da obra de Dostoiévski.

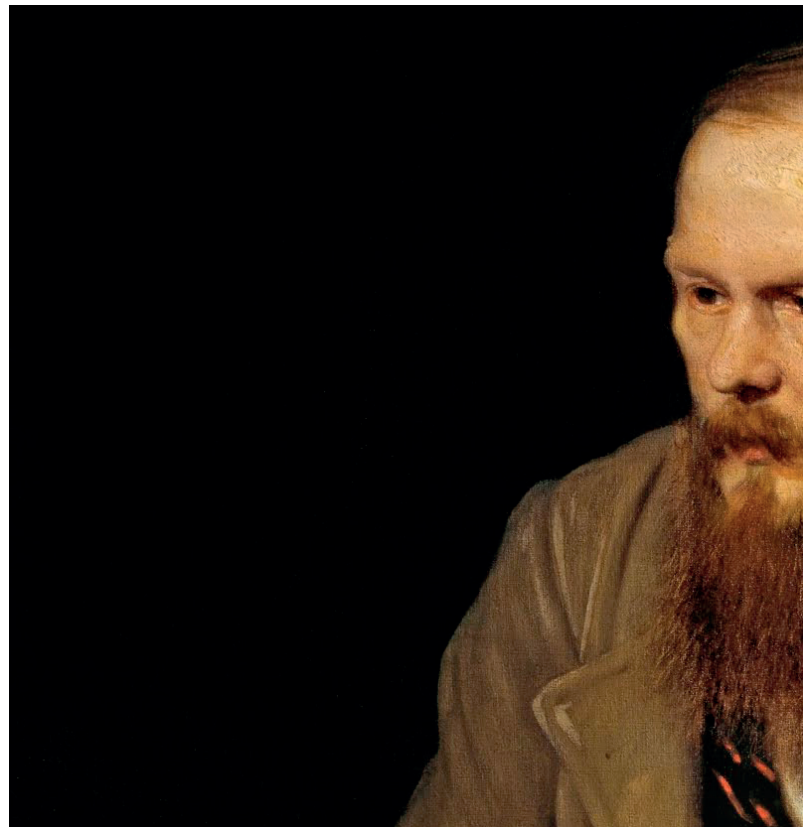
Um aforismo de Dmítri Karamázov – personagem que poderia ter assassinado o pai, de fato, caso o irmão bastardo Smierdiakov (fruto de um estupro que Fiódor Pávlovitch cometera) não tivesse se adiantado – como que sintetiza o pathos umbilical que liga Freud a Dostoiévski: “Deus e o diabo estão em luta, e o campo de batalha é o coração do homem”. Se trocarmos Deus e o diabo por pais e filhos, id e (ausência de) superego, Eros e Tânatos, sadismo e masoquismo, crime e culpa, entenderemos que, em enorme medida, a obra de Dostoiévski bem pode ser tida como uma das matrizes da psicanálise; a palavra matriz desponta, aqui, como um ato dolosamente falho, já que, em seu útero etimológico, Fiódor Freud e Sigmund Dostoiévski encontram a palavra *mater*, que, no cosmos dostoiévski-freudiano, bem pode parir a mãe como Jocasta e o filho como Édipo.

JPF – *Qual relação podemos perceber entre o “homem do subsolo” de Dostoiévski e o “homem do inconsciente” de Freud?*

FLÁVIO – Se pensarmos que o homem do subsolo, (anti-)herói de *Memórias do subsolo*, pode representar a encarnação mais indômita da sua dinâmica pulsional radicalmente contraditória e tresloucada, leituras psicanalíticas poderão dizer que a obra traz a nu o próprio inconsciente.

Em meu livro sobre Dostoiévski – *Dostoiévski e a dialética: Fetichismo da forma, utopia como conteúdo* –, analisei *Memórias do subsolo* por meio de uma aproximação entre o autor russo e a dinâmica da forma-mercadoria, tal como Marx a desvelou nos primeiros capítulos do volume 1 de *O capital*. A associação histórico-sociológica, no entanto, não nos deve fazer pensar que precisamos cindir a dinâmica psíquica do amplo processo de reificação social que enforma (e deforma) nossa subjetividade. Nesse sentido, pensar sobre as profundas relações de poder (e ressentimento) que há em *Memórias do subsolo* faz com que lancemos luzes históricas sobre as cicatrizes da personagem. Em vez de afirmarmos que o homem do subsolo simplesmente é um ser sem pele que desvela, radicalmente, cada escaninho de sua dinâmica pulsional, é preciso entender como as múltiplas quedas de braço de um contexto narrativo, que bem poderíamos chamar de microfísica do poder, se associam ao recrudescimento das relações utilitárias e competitivas em nossa sociedade.

Ser senhor ou escravo, vencer ou perder, conquistar ou (se)



frustrar, sentir ou (se) ressentir não são polos antípodas e pulsionais que se desenvolvem em um inconsciente desprovido de historicidade. Se entrevistarmos a historicidade das diatribes e das dores radicalmente pulsionais do homem do subsolo, psique e sociedade se entrelaçarão de forma a nos revelar a (de)formação de um tipo literário (e humano) fundamental.

Nesse sentido, aliás, vale a pena citar a nota autoral que Dostoiévski antepõe ao texto propriamente dito de *Memórias do subsolo*: “Tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários. Todavia, pessoas, como o seu autor, não só podem, mas devem, até existir em nossa sociedade, desde que consideremos as circunstâncias em que, de um modo geral, ela se formou”.

JPF – *Muitos autores criticam a noção de pulsão de morte de Freud, mas parece que somos confrontados com um cenário de agressividade e sadismo que remete a tal conceito. Dostoiévski parece comungar dessa noção mesmo sem ter lido a obra de Freud. Como você vê essa questão?*

FLÁVIO – Como apontei anteriormente, Freud forja a noção de pulsão de morte, recebendo forte influência da literatura de Dostoiévski, para quem a violência e o desvario são expressões fenomenológicas quintessenciais daquilo que poderíamos chamar de ontologia histórica dos homens e mulheres.

A irrupção da violência, por mais indômita e tresloucada que seja, desponta, para Dostoiévski, com um sentido de liberdade para o ser humano. Ela configura, por assim dizer, uma de nossas pulsões mais autóctones, e, nesse sentido, Dostoiévski pode ser lido como um autor que procurou acompanhar, até as últimas consequências, a tentativa de o eu se apropriar de seus próprios desejos de modo a lhes dar expressões factuais. Muitas vezes, tais irrupções, já não mais lastreadas por uma ética transcendental



sobre a qual paira a figura de Deus, se expressam por um sentido (um desvario) sumamente (auto)destrutivo. É assim que, em Dostoiévski, crime e castigo, homicídio e suicídio, culpa e perdão se irmanam de forma inconsútil: para o autor russo, a posse da personalidade – uma noção nebulosa que pode incluir em seu rol desde a vontade de receber um afago até a sanha de poder mais megalômana de um Napoleão – precisa, necessariamente, encontrar expressão (eis a noção de liberdade mais propriamente ontológica no escritor). Ocorre que Dostoiévski, com um tino histórico-social profundo, bem entrevê as enormes dificuldades para que a subjetividade se expresse no mundo regido pelo processo de coisificação das pessoas e fetichização das coisas.

Ora, é nesse momento que a fúria mais utilitária e hedonista do eu pode encontrar, na barbárie sádica, a sua expressão mais escatológica (mas, nem por isso, menos improvável ou factível). Pensemos, por exemplo, na confissão pedófila que Nikolai Stavróguin, personagem do romance *Os demônios*, faz para o clérigo Tíkhon. Os rompantes de culpa e dor – a menina violada acaba se enforcando – se mesclam aos mais sórdidos requintes de regozijo pela própria loquacidade do relato, como se Stavróguin gozasse ainda uma vez ao relembrar e recontar/ejacular sua estória. É bom frisar que, após ouvir o relato de Stavróguin, o clérigo Tíkhon lhe recomenda a entrada no... monastério. (Nós bem poderíamos pensar que se trata de um conselho univocamente relacionado à expiação dos pecados, mas, ora, como em Dostoiévski nada desponta de forma monocórdia, o clérigo Tíkhon, receptor da confissão/ejaculação, bem poderia convidar o jovem Stavróguin, a bem dizer, para se juntar ao seu rebanho de lobos em pele de cordeiro).

JPF – Em junho, você ministrou a palestra “Dostoiévski, o mito da caverna e a sociopatologia da vida cotidiana”. Discorra um pouco

mais sobre esse tema.

FLÁVIO – Na esteira da discussão que viemos estabelecendo ao longo desta conversa, deixo por aqui um trecho, algo aforístico, do meu livro *Dostoiévski e a dialética* (a que me referi anteriormente) para os leitores e leitoras:

Dostoiévski pode ser tido como um dos autores que mais escavaram o subsolo da síndrome de Estocolmo, o amor da vítima pelo carrasco, o apego do prisioneiro pelas grades de sua cela. No mito da caverna dostoiévskiano, os cativos se debatem não para arrebentar os elos das correntes que os submetem, mas para apedrejar todos aqueles que tentam demovê-los do charco de suas sombras, do regozijo em sentir prazer com o embotamento da realidade. É assim que tudo aquilo que desponta como algo terno e despido de confronto – algo que tem o sentido de converter a dor em purgação – parece flagelar o niilista com o mesmo rancor que pauta suas (não-)relações. A reconciliação lembra ao homem do subsolo a necessidade de se haver com suas próprias faltas, a necessidade de se cicatrizar, ao passo que a inércia tautológica da dor começa a sentir prazer com o punhal a escarafunchar a ferida purulenta. O passo seguinte é transmitir aos felizes a consciência não como compaixão, mas como partilha da dor – se a dor flagela o homem do subsolo, que ela passe então a flagelar a todos os demais. Eis o que o niilismo concebe como convivência.

JPF – Qual o legado de Dostoiévski para nós em pleno século XXI? Por que sua leitura seria importante para psicólogos?

FLÁVIO – É bem conhecida a colocação de Nietzsche, para quem Dostoiévski seria o único psicólogo com quem ele ainda teria algo a aprender. Assim, novamente na esteira de tópicos sobre os quais falamos em nossa conversa, penso que um fator fundamental da atualidade de Dostoiévski se liga à suma rebeldia do autor em relação à divisão do trabalho intelectual em ramos distintos (e cindidos) do saber (e da arte).

A obra de Dostoiévski nos fornece um amálgama sumamente ecumênico a imbricar, com muita originalidade e argúcia, filosofia e história, psicologia e sociologia, estética e teologia – não à toa, pesquisadores das mais diversas áreas se debruçam sobre os livros dostoiévskianos, conforme podem constatar todos aqueles e aquelas que consultarem a vastíssima fortuna crítica do escritor e os diversos volumes da revista *Dostoevsky Studies*, que, desde 1981 (ano de centenário da morte de Dostoiévski), vêm publicando artigos e ensaios dos mais diversos estudiosos do escritor espalhados pelo mundo.

O crítico literário norte-americano Joseph Frank, autor de uma biografia de Dostoiévski, composta por 5 volumes (todos eles publicados no Brasil pela Edusp), atribui ao escritor russo a primazia do conceito de “escatologia criativa”. Para Frank, Dostoiévski não é um autor que acompanha personagens em desenvolvimento e as vê crescendo, ganhando o pão e se casando; Dostoiévski arremessa suas personagens em seus momentos de crises lancinantes, na medida em que elas incorporam fraturas ideológicas e existenciais de sua época e as levam às últimas consequências com seus atos (e desatinos). Ora, se lançarmos mão do próprio princípio criativo de Dostoiévski, poderíamos pensar em personagens e ambiências sumamente dostoiévskianas para além da obra original do autor. É assim que, em nossa época radicalmente transpassada pelo pathos dostoiévskiano daquilo que eu chamo de “sociopatologia da vida cotidiana”, a obra do autor russo nos convida a ressignificar as fraturas da contemporaneidade. ■

Édipo e fantasia em "Álbum de Família" de Nelson Rodrigues



Geiva Carolina Calsa

Pedagoga. Psicopedagoga. Doutora em Psicologia Educacional. Psicanalista. Docente (UEM)



Fantasia consciente e fantasia inconsciente nos constituem e orientam nossos afetos, sexualidade, escolhas e as relações consigo mesmo e com o outro. Esse é o caso dos personagens trágicos da peça *Álbum de Família* (2012) escrita por Nelson Rodrigues e publicada em 1945. Na literatura brasileira do século XX, Nelson Rodrigues é considerado um dos autores que mais claramente explicitou em suas obras os desejos e as fantasias de homens e mulheres. Sua ousadia cobrou, contudo, o preço de várias peças de teatro censuradas durante as ditaduras de Vargas na década de 1950 e da ditadura militar em vigor de 1964 a 1985. De sua publicação até 1967, *Álbum de Família* manteve-se censurada sendo, por isso, considerada a peça teatral por mais tempo censurada no teatro brasileiro.

No mito narrado por Sófocles fazem parte da família de Édipo sua mãe, Jocasta, com quem se casa e seu pai, Laio, de quem herda a maldição criminosa que atinge as duas gerações seguintes da família. Nessa maldição, Édipo, sem saber a verdade de suas relações sanguíneas, além de matar seu pai, acaba por viver o incesto com sua mãe. Desses crimes herda culpa e punição, universais a todos os seres humanos de acordo com a teoria freudiana. Em *Álbum de Família* a família é composta por pai, mãe, uma tia, uma filha e três filhos; entre estes, desejos incestuosos se fazem presentes como realidades vividas e acompanhadas de intenso sofrimento, seja por conta da recusa e interdito para sua concretização, seja por conta da satisfação e prazer atingido com sua concretização. Jonas, o pai, violenta mocinhas virgens, filhas de trabalhadores dos arredores de sua fazenda em uma região indeterminada de interior agreste brasileiro; a mãe, D. Senhorinha, exige de

seus filhos, já adultos, uma contínua e exclusiva admiração e devoção; dentre os filhos, Nonô, o mais velho, vive fora de casa ao relento, nu em pelo e, embora, escondido na mata, todos os dias rodeia a casa da fazenda emitindo uivos dolorosos e pungentes. Nonô não fala com ninguém apenas uiva como um animal machucado quando se aproxima da casa principal.

Nonô é citado a primeira vez na peça quando tia Rute emite um comentário insinuador sobre seus uivos. Ao ouvi-los, Tia Rute comenta com a mãe que ela deveria ter "vergonha" do comportamento do filho. Logo adiante, dá a entender que D. Senhorinha até gostaria de viver livre e "despida" como ele. Aqui começamos a nos perguntar sobre o conteúdo subjacente à fala de tia Rute. A que se refere sua insinuação? A algum segredo familiar? Parece haver algo escondido na relação entre a D. Senhorinha e Nonô. Nossas suspeitas se confirmam quando a quarta fotografia do álbum da família é apresentada aos leitores. O narrador, então, explica que nesta imagem "Nonô tinha apenas 13 anos, mas aparentava muito mais. Tão desenvolvido para a idade!" Explica ainda que por "uma dolorosa coincidência, este retrato foi tirado na véspera do dia em que o rapaz enlouqueceu. Um ladrão entrou no quarto de D. Senhorinha, de madrugada e, devido ao natural abalo, Nonô ficou com o juízo obliterado".

Mais adiante ficamos sabendo que o invasor do quarto de D. Senhorinha foi Nonô, quando manifesta seu enorme prazer em ter oferecido tamanha felicidade ao seu filho ao realizar seus desejos incestuosos com a mãe. Diz em êxtase que tão grande foi sua felicidade que acabou enlouquecendo-o. Recorrendo ao mito edípico podemos pensar em Nonô e D. Senhorinha como representantes de Édipo

e da rainha Jocasta da tragédia grega. Neste sentido, nos dois casos, a relação mãe e filho é compreendida como metáfora dos desejos irrealizáveis de completude e fusão com o objeto desejante que todo ser humano busca realizar. Fantasiados, contudo, esses desejos podem ser de alguma maneira satisfeitos sob o controle das encenações fantasmáticas de cada um. Dessa perspectiva, o enlouquecimento de Nonô, assim como a perda dos olhos por Édipo, podem ser interpretados como consequência da realização de um desejo que não podia ser realizado e, sim, apenas fantasiado – simbolizado. Trata-se aqui de uma felicidade impossível de ser vivida pelos seres humanos e representada pelo interdito filogenético do incesto mãe-filho e filha-pai. Se materializado, e não simbolizado como fantasia, o desejo incestuoso se converte em tragédia. Compreendemos, então, que não protegido por fantasias e sintomas neuróticos daí decorrentes, Nonô passa a viver em estado de loucura. Seu desejo infantil não sofreu o recalque necessário à sua saúde mental.

Jocasta, "a que tem um brilho sombrio", representada por D. Senhorinha, é cúmplice do crime de incesto de seu filho Nonô. Também elemento essencial do mito edípico na Psicanálise, o desejo da mãe é um desejo estruturante, mas, também, perigoso que, neste caso, a leva a abrir mão da maternidade em prol de uma relação erotizada com seu filho Nonô.

Ao discutir o mito edípico entra-se em contato com a intrincada rede de mecanismos psíquicos que o atravessam. Neste sentido, o Édipo da obra freudiana pode ser considerado uma metáfora de incessante entre desejos e interdições exigida pela convivência dos seres humanos em grupos. Somos, portanto, a cada dia heróis de nossas vidas. ■

Somos todos Sísifo na modernidade?



Francieli Ferri

Acadêmica do 4º ano de Psicologia (Unicesumar) e Membro do Instituto Psicologia em Foco.

O mito de Sísifo é uma narrativa grega de um camponês que fundou a cidade de Corinto e é casado com Mérope, filha do titã Atlas. No mito, Sísifo nota que seu rebanho estava diminuindo; Autólico seu vizinho tinha a capacidade de se metamorfosear em animais e se utilizava disso para adentrar nas propriedades alheias, sem ser notado, e roubar os animais nos quais se transformava. Com isso, Sísifo resolveu marcar o seu rebanho e conseguiu seguir as pegadas que levaram até a casa de Autólico, comprovando que este o roubava. Assim, chamou testemunhas e, enquanto os vizinhos discutiam sobre o roubo, Sísifo rodeou a casa e encontrou-se com a filha de Autólico, Anticleia, com quem se uniu e gerou Odisseu que herdou, do pai, a esperteza.

Concomitantemente, longe dali, ocorria o rapto de Egina por Zeus. O pai de Egina, Esopo, ao procurá-la, encontrou-se com Sísifo que delatou Zeus. Este, ao escapar da fúria de Esopo, vingou-se de Sísifo e ordenou que Hades o levasse a Tártaro, que se tratava de um mundo subterrâneo onde viviam as almas condenadas. Sísifo pediu, então, à Mérope, que não enterrasse seu corpo. Ao chegar a Tártaro, o esperto rei suplicou para que Hades deixasse ele voltar ao mundo dos vivos, alegando que a sua esposa ainda não o tinha enterrado e precisava pedir a ela que o fizesse. Dessa maneira, conseguiu persuadir Perséfone, que o deixou voltar à vida por três dias para organizar seu sepultamento. Mas

ele quebrou o acordo e não voltou, até que Hermes foi indicado a levá-lo de volta à força para Tártaro.

Por consequência de sua esperteza e habilidade, usadas para tramar contra os deuses, foi destinado a Sísifo, após esse episódio, a tarefa de rolar uma pedra montanha acima, até o topo. Quando chegava ao topo, o peso da pedra e o cansaço do trabalhador faziam com que essa rolasse de volta para baixo; no outro dia ele deveria começar o trabalho novamente e assim para todo o sempre.

Na atualidade, muitos estudiosos utilizam o mito de Sísifo para ilustrar as relações de trabalho que se consolidam diariamente. Já no século XX, Albert Camus, utilizou-se desse mito para relacionar a vida dos homens em sua época, a qual seguia uma rotina diária, sem sentido próprio, determinada por instâncias e o sistema capitalista de produção. Dejours (1983), psiquiatra e psicanalista francês, que estuda a relação do trabalho com o sofrimento mental, diz que o mesmo trabalho que é fonte de satisfação para os sujeitos, pode ser produtor de sofrimento e adoecimento psíquico, sobretudo quando é uma tarefa rígida, repetitiva e frustrante, não dando ao sujeito a possibilidade de transformação e aperfeiçoamento.

Diante disso, pode-se notar, no mito e nas novas organizações de trabalho, a presença de uma ideologia de trabalho alienante, no qual trabalhadores submetem-se a um trabalho árduo e gerador de sofrimento físico e psíquico. ■

Ulisses e a vulnerabilidade dos imigrantes



João Henrique Piva Boeira

Acadêmico de Psicologia do 3º ano (Unicesumar). Membro do Instituto Psicologia em Foco.

Apesar dos apelos de Menelau, Ulisses foi o único dos grandes líderes da Grécia que recusara iniciar uma guerra por Helena. O grego vivia contente com sua esposa e o filho recém-nascido. Palamedes o encontra para convencê-lo a ir, mas o herói se finge de louco, atrelando o arado a um boi e um burro, passando, então, a semear sal. Em um teste para avaliar sua sanidade, Palamedes coloca o filho de Ulisses em frente ao arado e, com o pai desviando o percurso para salvar a criança, comprova que o rei de Ítaca não havia cindido com a realidade, apenas encenava.

De contragosto, Ulisses embarca rumo à guerra, já pressentindo que seu retorno à casa se delongaria. Foram aproximadamente dez anos em Tróia e mais dez de volta, com incontáveis obstáculos.

As escritas épicas de *Iliada* e *Odisseia* nos mostram provações de caráter mitológico capazes de exprimir a essência dos sentimentos humanos. Sobre o autor, Fernando Pessoa uma vez disse: "Deve haver, no menor poema de um poeta, qualquer coisa por onde se nota que existiu Homero". Mas para entender como as vivências do herói grego se mostram presentes no homem ordinário, não há porquê de nos restringirmos à literatura, basta olharmos para a situação dos imigrantes e refugiados.

Em uma das passagens da *Odisseia*, Ulisses é questionado quanto ao seu verdadeiro nome pelo seu perseguidor, o ciclope Polifemo, e responde prontamente: "Ninguém é o meu nome; Ninguém costumavam chamar-me não só os meus pais, como os mais companheiros que vivem comigo". Para o Prof.

Dr. Achotegui, conceituador do que hoje é entendida como síndrome de Ulisses, este trecho do Canto IX retrata muito do que é vivenciado por estes estrangeiros quando, seja em busca de uma melhor qualidade de vida ou para escaparem de seus países, se lançam em terras estrangeiras. Se um ser humano precisa "ser ninguém" para sobreviver, se adquire uma invisibilidade permanente, não existe possibilidade para identidade, integração social ou saúde mental.

Todos os processos migratórios colocam o sujeito em situação de fragilidade quando ele se defronta com as barreiras da linguagem, distanciamento de amigos e familiares, riscos de integridade física e divergências culturais. O grau de impossibilidade de adaptação é o que Achotegui utilizará para caracterizar a síndrome de Ulisses.

Para o etnologista e psicanalista George Devereux, em seu texto *Normal e Anormal*, a não aquisição cultural de um novo ambiente deixa o ego psicologicamente vulnerável. O autor defende a ideia de que os mecanismos de defesa do psiquismo são construídos de uma relação direta com a cultura, sendo que, para este, o próprio inconsciente se dividiria em uma fração étnica (formado pela absorção cultural) e a fração idiossincrática (construído por meio das experiências pessoais). Isto explicaria como algumas parcelas populacionais acabam em uma posição de exposição, já que em vários contextos não são sequer ofertadas quaisquer oportunidades para as minorias darem vazão e elaborar suas questões.

Como um Ulisses navegando pelo mediterrâneo, lançando sua sorte nas mãos dos deuses, assim é o imigrante. A sua capacidade de auto realização, sublimação e verdadeira independência dependem, muitas vezes, do arsenal de defesas que nós podemos lhes oferecer. Escutar estas pessoas não se trata somente de compaixão, é uma questão social bem ampla que envolve desde um suporte integrativo até uma luta constante pela saúde física e psíquica deste grupo. ■

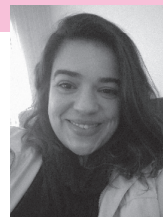


CINEMA

Westworld


Clóvis Moura

Formado em Música pela (UEM), professor de música e atualmente acadêmico de Psicologia (PUC – Maringá).


Gracielle S. Lima

Formada em Letras Português/Inglês (UEM), funcionária pública e atualmente acadêmica de Psicologia (PUC Maringá).

Acompanhando a tendência dos últimos anos das séries que exploram a realidade distópica, Westworld, série americana lançada em 2016 e dirigida pelo casal Jonathan Nolan e Lisa Joy, surge como uma aposta forte, onde os amantes da temática podem apostar suas fichas sem medo. O universo explorado pelas produções distópicas, repleto do caos que anuncia um futuro decorado por pessimismo e situações limítrofes, expondo o lado mais obscuro da sociedade, encontra terreno fértil em Westworld, cuja primeira temporada já deu lugar a segunda fase da série no último dia 22 de abril.

A distopia, mais do que uma visão pessimista, é um aviso, através do exagero, daquilo que, se não contido no presente, dará origem a uma realidade sombria; ela alerta para que situações, já em curso na sociedade, sejam repensadas numa tentativa de evitar que o homem seja vítima de suas próprias criações e ambições; que não seja subjugado por aquilo que deveria emancipá-lo.

Com uma trama hermética, com passado e presente mesclando-se numa narrativa atemporal, Westworld é um parque, altamente tecnológico, cuja temática é o velho-oeste americano, onde robôs andróides, que de tão humanizados, são quase indistinguíveis dos verdadeiros humanos; ali chamados de “anfitriões”, interagem com visitantes que buscam, por um ingresso bastante caro, submeter-se à experiência de viver dias podendo ser quem quiserem, vestindo qualquer personagem; onde as ações e fantasias não precisam ser reprimidas e, principalmente, onde seus atos não têm consequência.

Num futuro não muito distante, ano 2048, no ápice da evolução tecnológica, doenças são controladas e os problemas práticos diários deixam de ser preocupações em grande escala, Westworld surge como um refúgio para o tédio e as frustrações do homem. Os robôs “anfitriões”, dotados da mais refinada inteligência artificial, porém, ainda inconscientes da sua verdadeira natureza, agem de acordo com um roteiro criado para suas vidas. A cada final de história ou após serem mortos pelos “visitantes”, sofrem, diariamente, um reboot e voltam a repe-

tir os dias, um após o outro, até que, sem aviso, começam a apresentar relances de memória sobre os roteiros repetidamente vivenciados por eles, numa espécie daquilo que podemos chamar de um início de consciência sobre si. É aqui que a série ganha emoção e prende o espectador num enredo inteligentíssimo, complexo e capaz de despertar questionamentos sobre o avanço tecnológico desenfreado, a moral e sobre o quanto somos, de fato, virtuosos ou apenas moldados pela sociedade onde nos inserimos. Ali, a utopia de um parque de entretenimento luxuoso que servisse para realizar todos os desejos de seus visitantes, sedentos por sentirem-se vivos, começa a ganhar contornos da distopia fruto dos nossos desejos e sentimentos levados ao extremo, resultante daquilo que de mais íntimo habita o inconsciente e o consciente humano. “Toda escuridão é, em última análise, filha da luz”, diria o escritor austríaco Stefan Zweig, Westworld não foge a regra.

Num breve resumo, a série é assim apresentada por sua produtora: “uma odisseia negra sobre a au-

rora da consciência artificial, e a evolução do pecado. Colocada na intersecção de um futuro próximo e de um passado reimaginado, a série explora um mundo em que cada apetite humano, não importa quão nobre ou depravado, pode ser saciado”. Quem pode e se atreve, verdadeiramente, a responder sem pudores ao questionamento deixado pelo próprio Nolan? “Se você pudesse ficar completamente imerso em uma fantasia, uma em que você poderia fazer o que quisesse, será que descobriria coisas sobre si mesmo que não quisesse saber?”

Numa viagem intrigante e cheia de emoção e surpresas, que conduz o telespectador através de labirintos que passam desde a possibilidade do domínio da inteligência artificial, pelo despertar da consciência até o inevitável confronto direto com nossos desejos e sentimentos mais profundos e, muitas vezes, não tão nobres; envolto em personagens tão multifacetados quanto interessantes, além de muito tiro e ação no melhor estilo faroeste, Westworld vai ao ar, pela HBO, todos os domingos, às 22 horas. Vale o tempo e a pipoca. ■





*casas, apartamentos,
comerciais ou
terrenos?*

IMOBILIÁRIA

SILVIO IWATA

Cred 1584-1



*faça
uma decisão de
CONFIANÇA!*

www.silvioiwata.com.br

Engole o choro



Thais Ferreira Gattás

Escreve Crônicas todos os sábados para o Caderno de Cultura do jornal Notícias do Dia de Florianópolis.

A essa altura do campeonato já compreendemos que são muitos os obstáculos que precisamos enfrentar. Para dar o devido valor aos dias felizes, há os dias difíceis. Para os dias de sol, há os dias de chuva. E para os dias de gargalhadas, há os dias de choro.

A moça que avistei devia ter uns vinte e poucos anos. Talvez mais, talvez menos. É difícil saber exatamente. Afinal, são tantos os recursos disponíveis para tentar camuflar o tempo no rosto que ficamos confusos. Só nos resta palpitar. Só sei que ela chorava sem parar. Adoçava o café com seu pranto. Um lamento incontrolável e aguado. Estava sozinha e tentava conter, em vão, as lágrimas com uma sequência de respirações engasgadas.

Sei como é esse jeito de chorar. Sei como a gente luta para fechar a torneira antes que alguém perceba que não estamos dando conta do recado. Sei quando a gente tenta engolir e secar o que escorre no rosto. Sei que há momentos em que só nos resta sentar e deixar a choradeira tomar conta do que somos.

Aprender a chorar é quase uma arte. Acontece pela primeira vez antes mesmo de abrimos os olhos. Se demora, vemos mães e pais aflitos, "ele não vai chorar, doutor?". Muitos dizem que é o primeiro ato de comunicação com a vida e o mundo. Um marco sinfônico e assustado de que estamos vivos. Uma melodia estridente difícil de decifrar. Logo, a mãe vira especialista na adivinhação de cada tipo de choro. Sabe dizer qual é o de dor, manha, sono, fralda suja e cólica. Mas quando pensa ter entendido tudo, vem uma madrugada quase impossível. Nada resolve e ela chora junto do berço em estilo provençal. Às vezes, querida, o bebê chora porque chora, diz o doutor. E não há nada de errado nisso. Há de errado é com a gente que desaprendeu a chorar.

É que chega um dia na vida em que, por cansaço ou impaciência, alguém nos manda ficar quieto. Chorar, de repente, fica inconveniente e feio, "não tem vergonha de abrir o berreiro na frente das pessoas? Você não tem mais idade para ficar choramingando". Fico a imaginar um ser recém-chegado ao mundo a escutar o primeiro "engole o choro" do resto de sua vida. "Homem não chora por dor nem por amor". "Mulher não pode chorar para não borrar a maquiagem e ficar parecida com um panda". "Vá chorar quietinho no seu quarto ou no chuveiro, onde ninguém pode ver você". Parece tão errado que só me dá vontade de chorar.

Nunca soube a razão do choro daquela moça. Ela parecia triste ou aliviada? Ela parecia exausta ou liberta? Ela parecia estar sofrendo ou crescendo? Nunca saberei. Tudo bem. Há coisas que jamais saberemos. De longe, quis apenas parabenizá-la por não reprimir algo tão forte por nada nem ninguém. Deu vazão ao que muitos engolem a seco. Em tempos de dureza emocional, chorar ao ar livre em uma cafeteria de cidade grande é um sinal de que ainda estamos vivos. Há sangue quente, choro e sentimento em nós.

Por isso, quando vejo um adulto chorar, penso que a humanidade tem salvação. Enquanto as lágrimas caem, voltamos a ser aquela criança frágil e sensível que não tem medo de expressar seu desconforto nem vergonha de quem estiver olhando. Voltamos a ser aquela criança que nos ensina que a vida é hoje, que a emoção é agora e que não dá para deixar para chorar depois. Voltamos a ser aquela criança que não engole o choro, porque a emoção é um rio que precisa encontrar seu mar. Uma correnteza que precisa fluir até que sejamos capazes de amar. Até curar o que estiver transbordando dentro de nós. Porque uma hora tudo o que agora lateja há de passar, pode acreditar. ■

MARINGÁ | PR
AVENIDA TIRADENTES, 1008
SALA 1001 - CENTRO

INSCRIÇÕES
(44) 3025-7832
FALECONOSCO@CTCVEDA.COM.BR

INÍCIO EM
ABRIL DE 2018

ESPECIALIZAÇÃO

TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL

2018

TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL
CRP 06/4570-J / CREDENCIAMENTO MEC 71516

O CTC Veda e sua equipe, juntamente com a FAPSS, abrem a **7ª turma** de Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental (Terapia Cognitiva de Beck). O curso tem o credenciamento do **MEC** (válido em todo território nacional) e credenciamento opcional pelo **DGERT** (válido em países da União Européia).

Maiores Informações acesse o site: **www.ctcveda.com.br**

**CENTRO DE
TERAPIA
COGNITIVA
VEDA**

CAYLA SOUSA DOS REIS
 PSICÓLOGA
CRP 08/23934

ATENDIMENTO INFANTIL E ADULTO
 44 99900 2792
 cayla.sousa@hotmail.com

CAYLA SOUSA DOS REIS

O espectador reativo no cinema soviético

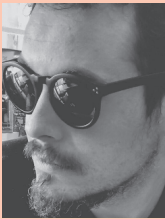
Na história do desenvolvimento narrativo do cinema, sabe-se que D.W. Griffith (1875–1948) é considerado o fundador da linguagem melodramática, emprestada do romance realista e do teatro do final do século 19. Em sua poética pioneira, Griffith, um dos desbravadores dos vastos laranjais do oeste americano, que viriam a se chamar Hollywood, experimentou uma série de recursos no âmbito da montagem para que o espectador se sentisse confortável com a história contada, com vistas a ocultar a “cozinha” do cinema. Ou seja, o filme deveria ser fruído, sem mais contratempos pelo espectador, que apenas absorveria sua diversão, pouco se prestando a acompanhar a construção do ritmo por meio do corte. O ponto mais alto dessa pesquisa empírica em torno do efeito autônomo da nova linguagem é, com certeza, o épico O nascimento de uma nação (1915), em que Griffith aperfeiçoou, consideravelmente, sua montagem paralela. Sem dúvida, um monumental exercício de forma e conteúdo, mas sem maiores margens para um efeito crítico imediato. A repercussão do filme deteve-se nos contornos racistas da trama, sobrepujando seus alicerces formais. De qualquer modo, a montagem paralela logo se consolidou como a linguagem do filme de entretenimento.

Dois anos depois, na então recém-proclamada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o Cinema passaria a merecer este “C” maiúsculo. Lénin e seus aliados reconheciam bem o apelo popular do filme àquela altura e acreditavam que o Cinema era também um elemento de produção artística compatível com a construção do novo homem soviético, erigido a partir de uma vivência estética que abarcava as artes visuais, o teatro e a literatura. Logo, no início dos anos 1920, o jovem cineasta Lev Kulechov (1899–1970) empreendeu uma experiência que mudaria drasticamente a equação desenvolvida no ocidente. Kulechov convocou o ídolo das matinês czaristas, Ivan Mozhukhin, e filmou-o por alguns segundos, pedindo ao ator não mais do que uma expressão absolutamente neutra, quase vazia de intenção. Depois, montou a tomada alternando-a com imagens de um prato de sopa, de uma menina morta, dentro de um caixão e, finalmente, de uma bela dama sensualmente repousada sob um divã. Ao exibir a cena finalizada a uma plateia de leigos, percebeu que havia unanimidade em cada espectador sobre “como o ator reagia tão intensamente a cada estímulo visual tão diversos entre si”.

Kulechov acabara de descobrir a eficácia do corte, as vantagens de um sintagma visual construído a partir da atração que um plano exerce sobre outro e como esta inerência cristaliza determinados efeitos de sentido.

Foi, porém, com Sergei Eisenstein (1898–1948) que a riqueza da experiência de Kulechov encontrou seu ponto alto. Engenheiro, entusiasta do teatro revolucionário e da lógica visual na escrita ideográfica oriental, Eisenstein cunhou sua teoria da montagem intelectual, subdividida em várias tipologias como a montagem tonal, a montagem atonal e a montagem dialética, para citar algumas variantes. Em linhas gerais, o cineasta defendia que o elemento mínimo de um filme é o plano, ou seja, a imagem mínima dentro de uma cena. Esse plano, tal qual na ciência da linguagem, pediria necessariamente um outro plano que a ele se ligaria de maneira lógica, concatenando ideias que seriam dedutíveis e encerrariam sentidos particulares somente a partir do empenho do espectador diante do ato fílmico. Quer dizer, seria o espectador aquele a dar coerência ao discurso de um filme, deixando para trás a inércia do entretenimento inocente, próprio do utilitarismo capitalista norte-americano. Há um misto de iconoclastia e valorização das metáforas visuais nessa tendência formal da montagem cinematográfica.

Gostaria de sugerir somente dois exemplos básicos. Em A greve (1925), seu primeiro longa-metragem, nota-se como Eisenstein encadeia, na sequência final, o líquido escuro de um tinteiro que escorre pelo mapa de um bairro proletariado quando um general irado, a serviço do Czar, soca a mesa com virulência e revanchismo. Em seguida, assistimos a um massacre empreendido pelas forças da coroa contra trabalhadores grevistas, enquanto o diretor intercala essas cenas com as de bois sendo abatidos num matadouro sujo e rudimentar. Temos, portanto, duas informações explícitas: os grevistas acuados, os soldados assassinos. De forma implícita, agora fazendo sentido dentro do conceito geral da montagem, o líquido derramado, que simboliza o sangue da massa. Em O encouraçado Potemkin (1926), por sua vez, Eisenstein, para além da famosa cena da escadaria de Odessa, logo após o massacre dos cossacos, nos dá a informação de que o couraçado tomado por marinheiro rebelados decide atacar o Teatro Municipal da cidade, em res-



Donny Correia
Poeta, escritor e cineasta, doutor em Estética e História da Arte (USP). Além de livros publicados, colabora com periódicos, como O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. Único brasileiro selecionado pela NASA para ter um poema enviado a Marte na sonda MAVEN, em 2013.

posta à barbárie que acabara de ocorrer. Antes da frenética montagem do bombardeio, há uma rápida sequência de três estátuas de leões. Um dos leões está deitado, o segundo parece estar se levantando. Finalmente, o terceiro é mostrado já em posição de ataque. É como se Eisenstein quisesse nos mostrar, de maneira metafórica e implícita, que a opressão do povo é combatida pelo rugido da fera desperta.

Por fim, gostaria de me referir a outro importante ícone do cinema soviético, contemporâneo de Kulechov e Eisentein. Trata-se de Dziga Vertov (1896–1954), para quem o cinema era algo absoluto, uma linguagem autônoma, que deveria se restringir a seu próprio meio de produção, desvencilhando-se até mesmo dos enredos ficcionais presentes nos filmes dos colegas de sua geração.

Vertov não usava, sequer, o termo “cineasta” para nomear o profissional responsável pelo filme. Preferia denominar a si um “Kinok”, expressão russa que, mais ou menos, significa “Cine-olho”. Para ele, tal qual a arte construtivista, o filme era algo puramente objetivo, e deveria ser usado dentro de um programa estritamente universal, em que não havia lugar para inserções ou comentários de caráter pessoal. Depois de vários cinejornais nos quais prevaleciam a identidade do proletariado e suas amplas atuações na construção de um novo mundo, Vertov atingiu sua maturidade estética com O homem com uma câmera (1928), expoente do gênero conhecido como “sinfonia da metrópole” em que exaltava a nova Moscou e o novo moscovita.

Resumidamente, vemos que, com efeito, estes investimentos fizeram florescer a postura reativa do espectador, em que o significado de um discurso fílmico é engendrado de forma a dar margens interpretativas abertas para quem assiste a determinado filme. Isto seria amplamente imitado, a partir de então, pelos cinemas francês, alemão, inglês, e até mesmo brasileiro, cerca de quarenta anos depois, durante o Cinema Novo.

Ainda hoje, vemos a eficácia da pesquisa soviética sem nos darmos conta, já que as grandes produções, sejam de quais países forem, prestam-se, primordialmente, a um denso diálogo com o espectador, considerando amadorismo a arcaica maneira de contar uma fábula para alijar de forma simplória o público de sua realidade imediata. ■

Coletivo Tabaetê



Amanda Cari Fatur

Estudante do 2º ano de Arquitetura e Urbanismo (Uningá), fotógrafa, professora voluntária de Português (Aras Cáritas) e membro do Coletivo Tabaetê.

O coletivo Tabaetê foi criado no ano de 2017 pela artista plástica Cristina Agostinho em conjunto com um grupo de jovens, ao qual tem orientado em seus propósitos criativos. Tem como objetivo o aprofundamento e desenvolvimento dos processos criativos de cada participante, com foco nas experiências do ser selvagem, conceito fundamentado pelo livro “Mulheres que correm com os Lobos”, de Clarissa Pinkola Estés.

A primeira performance do coletivo foi realizada a partir do conto “Vasalisa – A Sabida”. O conto se trata da iniciação de Vasalisa na natureza selvagem (a iniciação do ser) por meio do encontro com sua intuição. Esta é materializada em uma boneca de pano que sua mãe lhe entrega (a mãe-bom-mais) no leito de morte, feita aos moldes da filha.

A Mãe recomenda, em suas últimas palavras, que a filha guarde a boneca, pois ela possuirá todas as respostas necessárias à menina. A história segue com o pai de Vasalisa se unindo à uma viúva e às suas duas filhas. As três, que detestam Vasalisa, armam-na uma emboscada, desejando sua morte, e mandam Vasalisa buscar fogo na floresta, protegida por Baba Yaga – a Bruxa.

Vasalisa, inocente, aceita e segue para a floresta, atravessando a escuridão. Durante todo o percurso pergunta à boneca sobre os caminhos que deve seguir, alimenta-a e, com ela, enxerga coisas que não compreende.

Ao se encontrar com Baba Yaga, a deusa selvagem, comenta sobre o seu anseio pelo fogo e a bruxa lhe demanda a realização algumas tarefas que desafiam sua capacidade. A boneca manda a menina dormir, dizendo que tudo ficará bem e realiza o que foi pedido pela velha que, insatisfeita, passa-lhe um último trabalho, também, finalizado pela boneca.

Baba Yaga responde algumas perguntas feitas por Vasalisa, mas não todas, pois “saber demais

pode envelhecer a pessoa antes da hora” (p. 96). A menina consegue o tão almejado fogo, em forma de uma caveira numa vara, “Esse é o seu fogo. Não diga mais uma palavra sequer. Só vá embora” (p. 97).

Vasalisa entende que precisa ir. Ao se aproximar da casa, a madrasta e as filhas vêem a luz vindo da floresta e não conseguem imaginar o que seria aquilo, afinal, presumiam que a menina já estaria morta e desaparecida. Ao chegar, a caveira, que observava o comportamento da viúva e das filhas, queima-as por dentro, reduzindo-as a cinzas.

A autora finaliza o capítulo explicando o conto, dividindo-o nas nove etapas da iniciação, as quais explicam o percurso de Vasalisa, até que a intuição seja reinstalada em sua psique.

ETAPA 1: Permitir a morte da “mãe-bom-mais”, não dependendo da psique protetora de outra pessoa e, assim, desenvolver sua própria consciência do perigo.

ETAPA 2: Criar um relacionamento possível com as piores partes de si mesma, percebendo a tensão entre o que se aprendeu a ser e o que realmente se é. A madrasta e as filhas simbolizam os aspectos negativos da natureza sombria do ser – exploradoras, ciumentas e rejeitadoras –, aspectos ligados ao superego, parte externa da psique.

ETAPA 3: Desenvolver sua sensibilidade, ou seja, reconhecer seus aspectos internos, ouvindo e alimentando a boneca (a intuição) durante seu percurso na escuridão.

ETAPA 4: Encarar sua natureza instintiva, Baba Yaga, que reflete a organização do espaço psíquico, tanto consciente como inconsciente; funde uma ordem alternativa no ego, em que a magia pode acontecer, ensinando que para tudo que morre há renovação.

ETAPA 5: Ambientar-se com as imensas forças psíquicas selvagens, percebendo seu poder e

purificando-se interiormente, possibilitando a renovação do seu contato com o self.

ETAPA 6: Separar e distinguir coisas de natureza semelhante, a fim de escolher os agentes psíquicos que curam e nutrem ao invés dos que poderiam paralisá-la.

ETAPA 7: Perguntar à deusa selvagem quem ela é, qual a função dela na sua vida e pedir explicação dos mistérios não compreendidos durante o percurso. Em contrapartida, Baba Yaga diz que quer saber demais sobre a revelação do mistério “envelhece”.

ETAPA 8: Compreender que embora Baba Yaga (a megera selvagem) dê o sopro de vida, seu lugar é no mundo subterrâneo da psique.

ETAPA 9: Ir embora das profundezas (casa de Baba Yaga) e reformular as sombras negativas, quando a madrasta e as filhas são reduzidas a cinzas.

A primeira performance do Coletivo Tabaetê, realizada ainda em 2017, se deu com a criação de uma boneca de pano feita por cada integrante do coletivo, que representa o self, a intuição. Essa boneca serviria de apoio para a busca do ser selvagem no processo de individuação. Após a confecção das bonecas, foram elaboradas cartas, compondo o conteúdo pessoal que cada um considerou importante, com seus anseios e desejos de reformulação da sombra negativa. Com estes elementos (a boneca e a carta), a ação tomou forma em volta de uma fogueira onde os participantes iniciaram um ritual. Passaram pela água e pelo fogo, lavaram as mãos, em um ato de purificação. Em seguida, queimaram as cartas, como símbolo de transformação. Alguns declamaram poesias, outros leram suas cartas, outros não disseram nada.

Participantes da ação: Amanda Fatur, Cristina Agostinho, Daniela Cabrini, Gabriela Romagnoli, Giuliano Ridolfi, Joe Abiko, Laura Ridolfi e Leonardo Boff. ■



Coletivo Tabaetê



Coletivo Tabaetê

Alerta de textão!



Raquel Pinheiro Niehues Antoniassi
CRP 08/10815. Psicóloga Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar (FPP - Curitiba) e especialista em Gestalt-terapia (NECPAR).

Este texto vai indiretamente para todos os pacientes que já foram encaminhados a um profissional da psicologia por um outro profissional: o psiquiatra. E, mais ainda, colegas psiquiatras, este texto é para você.

Routineiramente, no meu trabalho, recebo encaminhamentos seus com os seguintes dizeres: SOLICITO TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL... e é sobre isto que eu gostaria de conversar com vocês hoje, meus colegas.

Sei que muitos de vocês, que solicitam explicitamente a terapia cognitivo-comportamental como uma exigência para o acompanhamento psicológico de seu paciente, possivelmente, têm uma formação específica nessa abordagem que, de alguma forma, sustenta sua crença de que essa é a única que, como já ouvi, "é baseada em evidências" e que pode oferecer resultados melhores (pra não dizer outras coisas).

Pois bem, comecem aqui minhas considerações. Meu questionamento a você, caro colega psiquiatra é: você já estudou, leu profundamente, conheceu de perto ou mesmo de longe outra abordagem da psicologia antes de tirar essas conclusões? Você já teve a oportunidade

de atuar conjuntamente no manejo clínico de um caso com um psicólogo competente, mas que tenha como embasamento teórico prático outra abordagem?

Se a sua resposta é não a qualquer uma dessas duas simples perguntas, peço encarecidamente que tente, antes de continuar enviando a psicólogos encaminhamentos com os dizeres "SOLICITO TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL".

Principalmente quando você é um profissional que atua no contexto da saúde pública, em que, na maioria exponencial das vezes, o paciente sequer tem acesso a psicólogo. Se tiver, como abençoadamente é o caso de Maringá pela estrutura de saúde mental que temos, dificilmente o paciente terá a opção de qual psicólogo ele quer que o atenda, muito menos sobre a abordagem teórica que norteia sua prática.

Mas deixa eu te contar uma coisa, colega psiquiatra: isso não necessariamente será um problema, sabia??

Sabe por que? Porque a abordagem teórica que sustenta a prática do psicólogo pouco diz sobre a sua competência profissional... aliás, diz pouquíssimo! O que determina a qualidade do trabalho psicoterapêutico é a formação profissional adequada e permanente, a postura ética constante, o compromisso e o cuidado empático com o paciente, o interesse genuíno em ser o melhor profissional possível e oferecer um acolhimento e suporte adequados.

Cada vez que recebo um encaminhamento com esses dizeres descritos, me entristeço pelo desconhecimento, caro colega psiquiatra, que você possivelmente tem em relação a Psicologia e suas possibilidades de trabalho, que vão além de uma única abordagem teórica.

Esse (pré)conceito de que a única abordagem que oferece resultados terapêuticos é a cognitivo-comportamental é demasiado equivocado e limitado. Pode, inclusive, restringir o acesso de seu paciente a um cuidado realmente efetivo em saúde mental, uma vez que ele talvez se limite a buscar uma abordagem e não um profissional competente, que realmente signifique um caminho de construção de conhecimento de si e possibilidades saudáveis de enfrentamento e existência.

Não existe, ao meu ver, sustentado pelo meu conhecimento e por minha prática, uma abordagem ideal para determinada queixa. O que existe é a formação teórico-prática ideal, a ética ideal, o vínculo de empatia ideal, que podem ser encontrados com profissionais psicólogos das mais diversas abordagens teóricas. Desde que aplicadas de forma embasada, ética, cuidadosa e qualificadamente, não há uma abordagem teórica ideal.

Sendo assim, se o acompanhamento psicoterapêutico de seu paciente não atingir resultados satisfatórios (do ponto de vista de quem?), a responsabilidade disso vai muito além da abordagem teórica que norteou a prática profissional, mas, sim, abarca todos esses aspectos anteriormente mencionados.

Finalizando, colega psiquiatra, quando encaminhar para psicoterapia, encaminhe para psicoterapia, tão somente. Pois lhe garanto que, independente da abordagem teórica que norteie este tratamento, você estará encaminhando seu paciente para ser acolhido, conhecer-se e desenvolver inúmeras possibilidades de recursos de cuidado que todo psicólogo (que atendam aos requisitos de formação e atuação de qualidade, que te descrevi, obviamente) tem habilidade de proporcionar. ■

REVEST®
A C A B A M E N T O S

Heroísmo na vida ordinária ou James Joyce e a psicanálise



Vinicius R. R. Gomes

Psicólogo clínico (CRP 08/16521)
historiador e professor universitário.
Doutorando em Psicologia (UNESP)

Sabemos que Freud era um leitor obstinado; temos relatos de que aos 8 anos já lia Sófocles, Homero e Shakespeare. Além disso, sabemos que Freud via os artistas, poetas e literatos muito à frente dos homens da ciência na capacidade de compreender a condição humana. Exemplos do interesse de Freud pela arte e literatura são textos como "Delírio e sonho na Gradiva de Jensen"; "O poeta e o fantasiar"; "Dostoiévski e o parricídio", além de textos nos quais cita Goethe, E. T. A. Hoffmann e Edgar Allan Poe. Desde então, a psicanálise se propôs a fazer análises biográficas como pode ser visto na obra de Marie Bonaparte sobre a vida e obra de Edgar Allan Poe; na obra de Erich Fromm sobre a personalidade de Hitler ou, ainda, em Lacan que se debruçou sobre a vida e obra de James Joyce (1882-1941).

Lacan dedicou um ano de seus Seminários ao estudo do romancista irlandês e atribui a estonteante inventividade de Joyce à mania, argumentando que Joyce não enlouqueceu e não desencadeou uma psicose (como sua filha) graças a sua obra que teria articulado real, imaginário e simbólico, anteriormente reunidos de forma precária.

Mas nos voltemos para a principal obra de Joyce;

"Ulysses" é uma releitura da Odisseia de Homero (que narra o retorno de Ulisses da Guerra de Troia) na cidade de Dublin na Irlanda. Aborda questões universais em uma pequena cidade a partir da vida ordinária e cotidiana de personagens nada excepcionais ou heroicos. Apontado por muitos como o principal romance do século 20, "Ulysses" é uma obra intrigante e desafiadora; seu estilo experimental e seu tamanho (mais de 800 páginas) desafiam, até mesmo, o leitor mais dedicado e causa vertigem. Virginia Woolf (que nasceu e morreu nos mesmos anos de Joyce) chegou a dizer que "Ulysses" era uma obra "de um estudante nauseado espremendo suas espinhas". O romance não teve vida fácil, tendo sido censurado e processado por obscenidade e publicado em Paris, em 1922.

A obra de Joyce narra um dia na vida de Leopold Bloom (um agente publicitário e anti-herói baseado no Ulisses da "Odisseia"), casado com Molly Bloom (uma espécie de Penélope infiel), e de seu amigo Stephen Dedalus (correspondente de Telêmaco e alter ego de Joyce). O ano é 1904, o dia é 16 de junho, o mesmo em que hoje ocorre o Bloomsday, celebração anual do clássico. "Ulysses" revolucionou a forma tradicional do romance, criando nova ortografia e

imprimindo à narrativa um fluxo verbal alucinado, que leva ao limite o chamado monólogo interior; na obra podemos ver o recurso ao "fluxo de consciência" do qual nos fala o psicólogo norte-americano William James.

Joyce diz em "Retrato do artista quando jovem" que artista é alguém que tenta agarrar a verdadeira identidade e integridade daquilo que está estudando, ou seja, o artista deve trazer clareza para as coisas mais obscuras da experiência humana. Curiosamente, Joyce parece não ter seguido seu próprio conselho e podemos constatar isso com sua escrita difícil e confusa que prega peças para um leitor desatento; talvez Joyce denunciasses dessa forma o perigo que representa a desatenção, afinal, sua obra nos convida a um mergulho profundo nas questões que estão à nossa volta, rompendo com a maneira habitual e desconcentrada com a qual nos acostumamos a viver.

Joyce nos convida, portanto, a usar uma lente a partir da qual encaramos nossa vida com uma dimensão trágica, nos tornando heróis da nossa própria existência. Por fim, como disse Sam Slote, ler Joyce nos confronta com dificuldades e frustração, aspectos com os quais a existência nos confronta invariavelmente. ■

MITOLOGIA

A Utopia da Cocanha



Natália Palma Oliveira

Graduada do 1º Ano de Psicologia (PUC).
Idealizadora e Presidente do Centro Acadêmico Anna Freud, do curso de Psicologia (PUC).

O País imaginário da Cocanha, visto como maravilhoso, foi fruto do desejo da população durante a Idade Média. Freud, em sua concepção,alaria que é um lugar regido pelo "princípio do prazer". Os prazeres eram liberados, de todo tipo, e a gratidão do povo, pelas suas expectativas cumpridas, era real.

Seus pilares eram quatro: abundância, ociosidade, juventude e liberdade, inclusive a sexual. Seus habitantes eram sempre jovens e completamente livres; fazia-se presente, dentro da comunidade, a harmonia social. Todas vontades fictícias citadas eram mecanismo de compensação frente à dura realidade da Idade das Trevas: o trabalho incessante e braçal, a escassez por falta de alimentos, devido à superpopulação e baixa produção; o envelhecimento e a morte, por conta das pragas epidêmicas e afins. Havia, também, o predomínio de tudo antigo – tradições, habitantes maduros, normas sociais e religiosas, consenso coletivo – sobre o novo – as inovações emergentes, habitantes jovens e

as vontades individuais. Os vários elementos componentes desta narrativa remetem à união de várias culturas, distintas em sua pluralidade. Antigo Oriente Médio, mundo greco-romano, muçulmano e folclores regionais são exemplos, havendo paralelos com a Bíblia, cultura cristã-medieval, República de Platão e o Corão.

Contextualização da Cocanha com a Idade Média

Para entendermos melhor o mito da Cocanha, precisamos entender o contexto de onde o mesmo surgiu, a Idade Média, que data do século X ao XV e tem início com a tomada do Império Romano. Nessa época, 80% da população morava em campos, realizando, em sua maioria, o trabalho feudal. A estimativa de vida da população era 40 anos e, praticamente, metade das crianças nascidas morriam ainda na infância. Tudo que ocorria durante a Idade Média, como as epidemias, era visto como ira divina. Uma época em que o misticismo e a religiosidade predominavam, Deus castigava os pecadores, geralmente, com doenças. Os casais eram arranjados pelas famílias e só se conheciam no dia do casamento, a noiva com 12 anos e o noivo com o dobro da idade. O sexo era considerado, pela igreja, apenas um ato de procriação, por isso esta estabelecia limites para o ato sexual. Ademais, os camponeses trabalhavam muito para o senhor do feudo; construíam estradas, estábulos e cuidavam da própria propriedade, vivendo em cabanas cobertas de palha, com apenas um cô-

modo. A comida era, quase sempre, pão escuro, salada de legumes e ossos; o açúcar era considerado artigo de luxo e vinho sempre consumido por nobres. Dado as informações supracitadas, torna-se simples entender o porquê da utopia da Cocanha, país onde o vinho nunca acabava; as casas eram feitas de doces ou cevada, ninguém precisava trabalhar e o sexo poderia ser obtido livremente. Sem limites para nada. Uma das hipóteses para o transporte do mito cocaniano ao Brasil é com a chegada holandesa no século XVII. Esses estrangeiros teriam trazido a narrativa mitológica diretamente da Europa.

A Terra da Cocanha após a Idade Média

Apesar dessa terra mitológica ter surgido durante a Idade Média, o mito continuou perdurando e sofrendo alterações condizentes com a cultura e local em que seria apresentado. É interessante pensar que os imigrantes italianos acreditavam que o Brasil era a terra da Cocanha. Na Itália, a América era uma terra idealizada onde havia riquezas por toda parte e uma grande praça, onde sempre tinham vinho e licor de anis. Mitos que espelhavam alimentos abundantes, até árvores de moedas, atraíram um grande número de imigrantes para o Brasil. Houve transferências de caráter: utópico para ideológico e revolucionário, elitista para do povo. Mas, como Lévi-Strauss disse: "O que importa, fundamentalmente, é a história que o mito narra". ■

Chronos e Kairós: temporalidades do sujeito do inconsciente



Samara Megume Rodrigues

Psicanalista, Psicóloga (CRP 08/18324) e mestre em Psicologia (UEM) (na linha Epistemologia e Práxis em Psicologia). Idealizadora e coordenadora da “Roda de Psicanálise: espaço de transmissão e formação”.

O tempo anda escasso. Os prazos são para ontem e sempre estamos atrasados. “Time is Money”, por isso, é preciso ter respostas rápidas e instantâneas para todos os conflitos. Quem se atreve hoje, em tempos tão corridos, a frequentar um consultório de Psicanálise? Esta é acusada duplamente por contrariar o ideal social de rapidez e imediatismo: é uma prática demorada e lida com o passado. Mas, afinal, o que é o tempo? Qual é a concepção de tempo para a Psicanálise? Qual o tempo de uma análise?

Uma análise intervém no tempo, modificando de maneira decisiva a relação que o sujeito tem com o próprio tempo e com o tempo compartilhado. Pois, existem dois males que os fármacos jamais irão curar: a busca pelo tempo perdido e o adiamento do tempo oportuno!

Santo Agostinho dizia que todos sabem o que é o tempo, desde que ninguém faça essa pergunta. Em geral ele é entendido como uma linha reta, em que se distribui passado, presente e futuro. Ou seja, é representado sob o modelo do espaço: a distância entre hoje e manhã, o caminho percorrido pelos ponteiros do relógio. Embora tratemos o tempo como progressivo e irreversível, a psicanálise atesta a existência de distintas temporalidades no sujeito.

Freud afirma que o inconsciente não concebe o tempo cronológico. A despeito dos afazeres mais urgentes, ele não para de produzir atos-falhos, lapsos, esquecimentos, sintomas, repetições de erros, angústias paralisantes, ansiedades e toda gama de manifestações que deixam o sujeito “fora do tempo”. O sujeito fica deslocado de seu momento atual, impossibilitado de usufruir o agora.

Na mitologia grega existem duas palavras/mitos para se referir ao tempo: Chronos e Kairós. Chronos é o tempo do relógio, linear. Essa palavra dá origem a outras como cronometro, cronograma etc. Já Kairós refere-se a uma manifestação de tempo própria, o momento oportuno em que se vive algo único.

Segundo a mitologia, Chronos é o mais jovem dos titãs, filho de Urano (céu) e Gaia (terra). Incitado pela sua mãe, ele castra o próprio pai com uma foice, tornando-se o rei soberano. Em seu reinado a humanidade viveu muita prosperidade. No entanto, ele vivia ameaçado pela maldição de ser destruído por um de seus filhos. Para que ela não se cumprisse, Chronos devorava os próprios filhos assim que eles nasciam.

Chronos representa o tempo que corre, a mudança das gerações. Ele não aceita a passagem do tempo e o que vem em seu bojo – a perda da potência, do controle e do poder. Por isso, mata sempre o novo. Chronos devora suas crias, que são os instantes evanescentes à medida que nascem.

O tempo cronológico é cruel e não faz concessões. Viver segundo seu império é portar a mortificação



dos instantes e impedir o aparecimento do diferente e inesperado. Perde-se assim, o que Freud (1915) descreveu como a beleza singular da transitoriedade das coisas, bem como a possibilidade de usufruir o agora.

Na neurose, o sujeito está preso a experiências que não passam. Se ressentir pelo passado, antecipar o que ainda não chegou, procrastinar a vida... em todas essas posições do sujeito está presente um movimento de se alienar dos desejos, mantendo a insatisfação ou assegurando a impossibilidade.

Existe um discurso equivocado de que a Psicanálise busca no passado as causas dos males do sujeito. Essa leitura está baseada numa concepção mecanicista de tempo, da qual a Psicanálise se afasta já na sua fundação, em 1890. Freud inaugura um método pautado em uma modalidade temporal retrospectiva, em que o atual define o antigo.

Na Psicanálise a memória não é um arquivo morto que se acessa. Ela é dinâmica e plástica, sendo (re)construída no exato momento em que é narrada. Para falar de seu passado o sujeito não abre uma gaveta e retira um objeto que está lá intacto. Ao descrever experiências com palavras atuais, ele as colore com representações emocionais inventadas naquele instante, articulando com várias outras experiências e temporalidades. Desta maneira, o sentido que se cria no hoje faz existir uma história feliz ou triste. Trata-se do tempo après-coup, em que o atual define o passado. Essa concepção é fundamental para a prática clínica e foi descrita por Freud em sua investigação sobre os processos traumáticos. Uma intensidade de estímulos externos ou internos (pulsionais), por si só, não basta para que uma experiência seja traumática, essa é constituída no “só depois”, na articulação dessas vivências com outras.

Quando um analisando relata os dias que antecederam a sessão, o seu passado e seu sonho da noite anterior, ele revive afetos e reedita experiências. A escuta analítica cria uma nova articulação de nexos e inscrições do vivido. Ela produz uma secção na temporalidade cotidiana do sujeito, abrindo, ali, um espaço de desaceleração. Uma análise oferece tempo para que o sujeito atravessasse (e não seja atravessado por) dores, sofrimentos e angústias.

O tempo de uma sessão se estende para além dos minutos de encontro físico entre analista e analisando. Elaboração, perlaboração e resignificação. Também por este motivo, uma análise é interminável – mesmo quando a relação com a pessoa do

analista já terminou – e essa sempre tem um fim, a chegada a determinado ponto da transferência, em que é preciso uma separação.

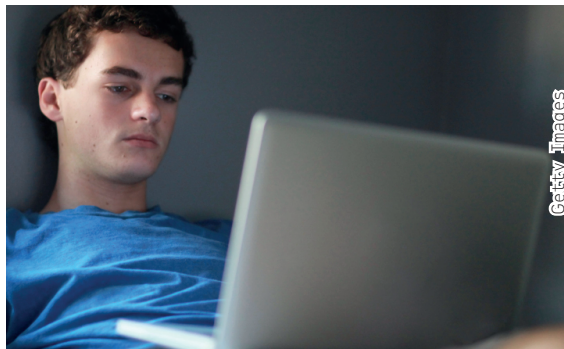
Uma análise pode ser infinita (die endliche und die unendliche, 1937), porque o sujeito continua o trabalho psíquico, vai embora com o método psicanalítico internalizado, mas, também, porque seus efeitos são à posteriori. A experiência que o sujeito tem com a escuta do inconsciente deixa em aberto algo que se prolonga, que permite que se transcorra em aberto, se re-articulando à vivências atuais.

Freud era constantemente questionado sobre quanto tempo ele levaria para curar seus pacientes. Em 1913 ele responde essa questão incômoda utilizando uma fábula de Esopo, em que um andarilho pergunta a extensão do caminho e ouve a resposta: “Anda!”. Antes de tudo é preciso conhecer o passo do andarilho, para só depois calcular a duração da viagem. Cada um possui um passo, um ritmo próprio, uma cadência, uma extensão de pernas. Atualmente existe a tendência de padronizar as maneiras de sofrer, o que faz com que os sujeitos desconheçam o próprio ritmo. Quem, hoje, tem tempo para respeitar o próprio tempo? Quem ousa saber dos tempos que não passam e se arriscar a atualizá-los? Quem se aventura a desobedecer Chronos?

A mitologia apresenta outra interessante figuração de tempo, Kairós. Filho de Zeus com a deusa da prosperidade, era representado como um homem nu, que andava muito rápido e tinha apenas uma mecha de cabelo na testa. Se ele passasse era preciso agarrá-lo pela mecha de cabelo ou se perdia a chance... ele passava correndo e não era mais visto. Kairós podia se manifestar na inteligência de Atenas, no vinho de Dionísio, no amor de Eros. Também podia se manifestar em Cronos, no tempo linear.

Kairós não pressente o futuro e não volta ao passado, não retorna. Ele é o momento oportuno e fugaz, que, quando abraçado com alegria, faz do presente uma ocasião. Kairós é o momento de verdade do inconsciente e uma análise deve conduzir o sujeito a este encontro único e singular. Não se trata de um re-encontro, mas de uma abertura ao novo! É quando o sujeito não se anula na esquina, na deriva e no adiamento. Ganha-se tempo em uma análise, na medida em que, diante da crueldade de Chronos, o sujeito tem a coragem para encontrar o momento oportuno do desejo. É preciso trabalho (psíquico) para usufruir do próprio tempo. Como nos fala Leminski que “haja hoje para tanto ontem”. ■

Jovens que nem estudam e nem trabalham: Peter Pan ou Pinóquio?



Getty Images

Recentemente, uma pesquisa, realizada a partir de dados do IBGE e divulgada no site G1 da Globo, apontou números que chamaram a atenção do público: o número de jovens dos 15 aos 29 anos que nem estudam e nem trabalham – conhecida como a geração nem-nem – cresceu em 2017 com relação ao ano anterior. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), 23% do total de jovens brasileiros, somando 11 milhões de pessoas, aproximadamente, (2% a mais do que em 2016 (Fonte: g1.globo.com) não se encontram matriculados em quaisquer cursos de ensino superior, técnico, cursinho, não possuem emprego, tampouco a intenção de modificar seu contexto. Boa parte dos jovens são de fato excluídos do sistema, sem oportunidades de estudo ou emprego e, muitas vezes, rendem-se a trabalhos informais e, até mesmo, ilegais. Contudo, dentro da classe média este fenômeno parece um tanto mais enigmático.

Ainda que seja possível destacar casos em que existam bons motivos para isso, algumas reflexões surgem; torna-se quase inevitável uma comparação com o célebre Peter Pan, de J.M. Barrie: o menino que não queria crescer. Quando transportado para o nosso mundo real contemporâneo, esse conto de fadas, certamente, pode relacionar-se com o caso do adulto que se recusa a crescer, a aceitar as responsabilidades, as durezas da vida adulta; bem como os benefícios e as alegrias que esta traz, as quais se

tornam pequenas e até imperceptíveis perante a suposta grande satisfação de viver somente pelos próprios desejos. Embora a carapuça aparentemente sirva para parte da geração “nem-nem”, parece ser apropriado recorrermos a outro famoso conto de fadas: Pinóquio.

Antes de mais nada, a versão original de Pinóquio, escrita por Carlo Collodi, em 1883, conta a história de um boneco de madeira que ganha vida e sonha em ser um menino de verdade. Por meio de uma série de aventuras, Pinóquio aprende o que é preciso para ser humano e se integrar à sociedade. Mais do que uma história de cunho moralista com o intuito de ensinar as crianças a não mentir e a se comportar, Pinóquio trata de humanização. Todas as enrascadas que o protagonista se envolve são consequências diretas de suas ações, movidas por ingenuidade ou impulsividade. Como quando matriculado na escola, Pinóquio mata aula para ir a um chamativo Teatro de Bonecos, ao ponto de vender seu material escolar para pagar o ingresso para o Teatro. A partir daí, Pinóquio enfrenta uma série de situações desagradáveis e arriscadas, especialmente, devido ao seu impulso de seguir em frente: para a próxima aventura ou ao próximo desejo a ser realizado, distanciando-se ainda mais de seu lar, bem como de seu pai e criador, Gepeto. Carpe Diem poderia ser um bordão dito por Pinóquio. Em outro momento, mais uma vez, a ingenuidade e o hedonismo do boneco levam-no a ser seduzido pela promessa de um cocheiro de uma terra onde não se trabalha e nem estuda, apenas se brinca o tempo todo. A farra dura alguns meses, mas orelhas de burro crescem em Pinóquio: cada criança levada era transformada em um burro que seria revendido. Assim, com a ajuda da Fada Madrinha, do Grilo Falante e outros, ele aprende a ter responsabilidades, trabalha para cuidar de um Gepeto doente e não se deixa mais guiar por promessas duvidosas de comida, brinquedos e dinheiro sem nada em troca. No final da história, Pinó-



Luis Felipe Praxedes

Graduando do 3º ano de Psicologia (Unicesumar).

quio finalmente se torna um menino de verdade e ainda ganha de presente uma bela casa.

Um dos ensinamentos que a psicanálise de Freud nos trouxe foi a ideia de um dos aspectos do que é ser humano. A partir da repressão de instintos fundamentais de assassinato, incesto e canibalismo, o ser humano é capaz de redirecionar a energia dessas pulsões e transformá-la em arte, trabalho etc. E mais: toda a cultura humana, produzida a partir dessa sublimação dos instintos, serve, também, para limitá-los e impedir que aconteçam. Para Pinóquio ingressar na sociedade foi necessário postergar prazeres imediatos e, assim, altruísta, compreender o valor do trabalho, assumir responsabilidades, lidar com as consequências de seus atos e controlar seus impulsos, o que gera uma convivência harmoniosa. Talvez, não falte à geração “nem-nem” o mesmo aprendizado que Pinóquio teve em sua saga para se tornar um menino de verdade?

Supondo que isso seja verdade, essa parcela de pessoas que não trabalham e não estudam, não se responsabilizam por nada e pensam exageradamente em seu prazer momentâneo sejam como Pinóquio, ainda assim não se poderia dizer que essa maneira de agir e de pensar seja tão espontânea. As produções culturais de massa, propagandas, os filmes hollywoodianos, a música mainstream nos bombardeiam com o grande lema Carpe Diem. Somos ensinados desde crianças a nos preocuparmos compulsivamente com o prazer imediato e que o mundo inteiro, cheio de possibilidades, é nosso e que tudo o que queremos vai acontecer. Até mesmo alguns pais encorajam isso. Quando crescem, o choque com a realidade é brusco e inevitável. Mas de fato, nem tudo está perdido: o próprio Pinóquio encerrou sua jornada se tornando um menino de verdade. Talvez essa geração só precise viver suas próprias aventuras e aprender a ser adulta em um mundo caótico como o nosso. E o que é uma aventura se não uma oportunidade de autoconhecimento? ■

Dra Angela Maria Pires Caniato

CRP-08 : 0336

Psicoterapia de base Psicanalítica

(44) 99916 - 7348

(44) 3224 - 2167

EMILY ALBUQUERQUE

Psicóloga
CRP: 08/24208

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos

☎ 44 999194877

f /psicologae.albuquerque

✉ emi_lylaiane@hotmail.com

Em mais um contexto, mulher



Letícia Cabral Gonçalves Lopes

Acadêmica do 2º ano de Psicologia (Unicesumar) e membro do Instituto Psicologia em Foco.

Novamente o debate acerca do assédio se mostra de importância exacerbada em um momento de paralisação mundial: a Copa do Mundo, sediada, no ano de 2018, pela Rússia. O contexto é recente, mas tem-se clara noção de que tais violências são recorrentes e que, enquanto forem tratadas de forma banal, é preciso explicar a problemática.

Até a data de 11 de julho, de acordo com dados da Folha de São Paulo (2018), a Fare Network, ONG que possui parceria com a FIFA, cujo objetivo é monitorar racismo e discriminação, afirmou que foram registradas denúncias de 45 casos de assédio durante a Copa. Dentre esses, 30 casos de sexismo envolveram mulheres russas e 15, jornalistas, que foram violentamente atacadas e beijadas durante o trabalho. É de suma importância evidenciar que essa violência explicita a relação social pautada na dominação, na posse e a desconsideração das mulheres como sujeitos autônomos e detentores de direitos.

Uma das questões a serem levantadas é a escassez de denúncias feitas por mulheres, uma vez que esse público se depara com a "normati-

zação" de atitudes violentas e misóginas e a culpabilização social sob o acontecido, elaborando uma ideia de que a vítima tenha "incentivado" qualquer tipo de atitude/comportamento do abusador. Dessa forma, 45, claramente, não é o número que representa o assédio cometido contra o público feminino nos estádios da Rússia.

De acordo com Freitas (2001), o assédio torna-se possível porque ele é precedido de uma desqualificação da vítima, que é aceita em silêncio ou endossada pelo grupo. Sob a perspectiva da filósofa Judith Butler, a estrutura das crenças é tão forte que permite que alguns tipos de violência sejam "justificados" ou sequer considerados como violência.

Ao analisar o ambiente de trabalho de jornalistas de diversas nacionalidades, ativas na Copa do Mundo, no futebol (e a cobertura dele), um esporte ainda hierarquizado e supremacista, as mulheres que trabalham com a divulgação do mesmo são rebaixadas perante à jornalistas ou comentaristas homens. Ao adentrar no campo do profissionalismo esportivo, a desigualdade é tão alarmante que sequer convém comparação (principalmente salarial) entre o futebol feminino e o masculino.

Nos contextos de trabalho de predominância masculina, as interações tornam-se sexualizadas e o assédio é frequente. Tal

resulta, em parte, da prevalência de uma cultura masculina, supostamente viril, inerente a estes empregos (DIAS, 2008).

Diante o cenário, mulheres imersas no jornalismo esportivo brasileiro corroboraram para a divulgação de uma campanha contra o assédio, que vinha sendo pautada desde o mês de março, nomeada "Deixa ela trabalhar", almejando abrir o debate sobre a equidade de gênero, sororidade e empoderamento feminino. Porém, a luta é periódica e cíclica. ■



Alaine Jorge




essentia

Clínica de Psiquiatria e Psicoterapias



A Essentia - Clínica de Psiquiatria e Psicoterapias é composta por uma equipe multidisciplinar. Aprimorar nossas modalidades de tratamento e incluir novos terapeutas capacitados são os melhores métodos de se trabalhar um objetivo comum: o bem estar mental.

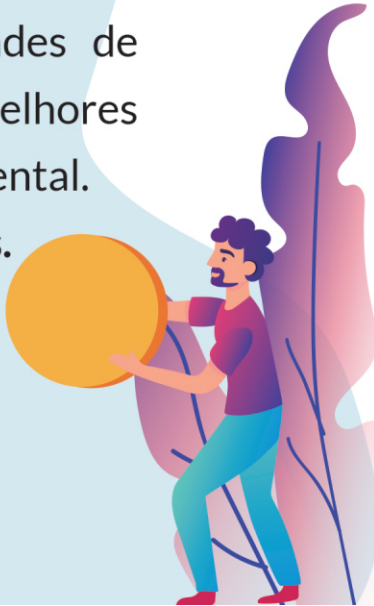
O atendimento multidisciplinar auxilia a superar limitações.



📍 Av. Joaquim Duarte Moleirinho 2282 - JD. Alamar - Com estacionamento próprio

☎ (44) 3346- 9222 ou 98813-4848 /EssentiaMaringa /essentiamed

🖱 www.essentia.med.br ✉ recepcao@essentia.med.br



Nise Da Silveira sobre C.G. Jung e o fascínio do homem sobre os contos mitológicos

Que significação poderá ter para o homem da era atômica a narração dos feitos de deuses nos quais ele não crê, ou das aventuras de heróis que os atuais astronautas ultrapassaram? Nenhuma, aparentemente. Entretanto os mitos continuam a fascinar. (Nise da Silveira).

Em seu livro, Jung: Vida e Obra, Nise da Silveira reserva algumas páginas para tratar do assunto Mito, tema esse que é utilizado pela abordagem Analítica de C. G. Jung. Além do mais, o tema encanta a todos que entram em contato com o universo dos contos mitológicos.

Os estudos acerca da mitologia ultrapassam as barreiras da psicologia e vão, praticamente, para todas as áreas de conhecimento.

Em seu livro, Nise levanta um questionamento sobre o tema: será que o interesse crescente por temas que se desenvolvem num plano tão distante da realidade pragmática de nossos dias dará alguma indicação sobre a psicologia do homem ocidental moderno? Será, talvez, um fenômeno de compensação ao extremado racionalismo de nossa época?

A autora explica que os mitos podem ser vistos como a expressão de formas de vida, de estruturas de existência, ou seja, de modelos que permitem ao homem inserir-se na realidade.

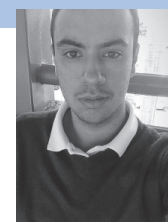
Segundo Jung, "os mitos são principalmente fenômenos psíquicos que revelam a própria natureza da psique". Resultam da tendência incoerível do inconsciente para projetar as ocorrências

internas que se desdobram invisivelmente no seu íntimo, sobre os fenômenos do mundo exterior, traduzindo-as em imagens. Assim, "não basta ao primitivo ver o nascer e o pôr do sol; esta observação externa será ao mesmo tempo um acontecimento psíquico: o sol no seu curso representará o destino de um deus ou herói que, em última análise, habita na alma do homem"

Nise explica que, os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram (e ainda passarão) os humanos. Por isso, temas idênticos são encontrados nos lugares mais distantes e mais diversos. A partir desses materiais básicos é que sacerdotes e poetas elaboram os mitos, dando-lhes roupagens diferentes, segundo as épocas e as culturas.

Baseando-se nisso, é possível dizer que o mito encarna o ideal de todo ser humano, a conquista da própria individualidade; por isso o fascínio e a identificação com contos são de tamanha grandiosidade. Entretanto, Jung afirma que a eficácia dos feitos heróicos tem breve duração. Os sofrimentos do herói renovam-se incessantemente, pois se por um lado a conquista de níveis de consciência mais altos o atrai, por outro, também, o fascina a volta ao inconsciente, que tem as sedução do abraço materno.

Portanto, aqueles que imergem nos contos mitológicos, atraem-se e sofrem junto com o personagem, que sofre dividido por forças opostas. Ou seja, a luta pela vitória da consciência é o eterno combate do ser humano. ■



Gabriel Arndt

Acadêmico do 4º Ano de Psicologia (Unicesumar) e membro do Instituto Psicologia em Foco.



HISTÓRICO-CULTURAL

O desenvolvimento da consciência em Crime e Castigo: uma análise da psicologia histórico-cultural



Lucas Monteiro Campigotto
licenciado em Filosofia pela PUCPR-Maringá, graduando do 4º ano de Psicologia (UEM).

Uma possível leitura sob o viés da Psicologia Histórico-Cultural da obra Crime e Castigo de Dostoiévski deve carregar, no seu bojo, o método materialista histórico dialético. A Psicologia Histórico-Cultural compreende aos fenômenos a partir da sua base material e histórica pautando-se em categorias. Tais categorias são: singular, universal e particular. E são analisadas sob a perspectiva da lógica dialética, sendo, portanto, inter-relacionais, ou seja, uma categoria constitui a outra e vice-versa. Tomemos a exemplo a categoria singular, na análise do indivíduo, e nesta direção o particular, a sociedade e o universal tudo que foi produzido na história em termos de atividade humana.

Em suma: quando uma atividade humana cria uma ferramenta, esta tem a possibilidade de transformar a relação do ser humano com o mundo e com ele mesmo e cria novas necessidades e avanços no desenvolvimento do psiquismo humano. Uma obra de arte é também uma ferramenta que cumpre com esta função. As

relações sociais (particular) entre as atividades humanas (universal) de Dostoiévski com as atividades de outros indivíduos que auxiliaram a produzir seu contexto (como o pensamento dos niilistas radicais, que influenciaram vários aspectos de Crime e Castigo, por exemplo), foram mediadores na produção da obra (singular).

Utilizemos, então, para melhor compreensão de como se dá o desenvolvimento humano uma qualidade do psiquismo específica: a consciência. A consciência é desenvolvida pelas funções psíquicas superiores (linguagem verbal e pensamento conceitual são exemplos de funções psíquicas superiores). Para Vigotski, há dois tipos de funções psíquicas: as elementares e as superiores. As funções elementares possuem uma base biológica, ou seja, são naturais e inatas, compartilhadas por humanos e animais.

As funções psíquicas superiores são o que diferenciam o homem dos outros animais, superando a base biológica, essas são de cunho cultural e, portanto, estão diretamente relacionadas à situação social de desenvolvimento. Estas funções especificamente humanas, para Vigotski, possuem uma natureza social e se desenvolvem nas relações sociais por meio do uso de signos, por meio das mediações.

Retomemos, portanto, a Raskólnikov, protagonista de Crime e Castigo (alerta de spoilers): um jovem que comete um homicídio duplo (um premeditado e o outro improvisado), por razões que se apresentam ambíguas conforme o desenvolver da história, vivencia durante toda a narrativa o castigo de seu crime: possivelmente sua própria consciência, que dá indícios de transformações até o final da narrativa.

Dialogando com os diversos personagens, é possível notar como as reflexões de cada um destes outros personagens são dotadas de sentidos diferenciados e a relação existente entre Raskólnikov e eles é atravessada pela mediação das particularidades. As ideias destes personagens, externalizadas nos diálogos com Raskólnikov, fazem o protagonista refletir e transformar seus próprios pensamentos. Personagens-chave apresentaram-se relevantes para as reflexões do jovem, tais como: Marmieládov, Razumíkhin, Lújin, Porfírii, Svidrigáilov e, sobretudo, Sonia.

Por fim, Dostoiévski entrega a seu personagem um epílogo (controverso para alguns críticos), mas que demonstra a redenção de Raskólnikov, que, em termos cronológicos, durante toda a narrativa, passa apenas doze dias (já o epílogo dura nove meses) trazendo um simbolismo para o renascimento do jovem. A ideia é reforçada quando ele lê a bíblia e retoma um trecho de Lázaro, o mesmo que teria lido anteriormente com Sonia, no qual Jesus o ressuscita.

À luz do conceito de consciência para Vigotski, pensamos o desenvolvimento do psiquismo no jovem Raskólnikov, que, ao se relacionar com outros indivíduos, pôde, dialeticamente, transformar este psiquismo, tal como o mestre russo finaliza sua obra: "Começa aqui, entretanto, outra história, a da lenta renovação de um homem, de sua regeneração progressiva, sua gradual passagem de um mundo a outro, de seu conhecimento progressivo de uma realidade totalmente ignorada até então" (Dostoiévski). ■

O desafio de viver com propósito (nesse mundo acelerado)



Aline Jorge
Especialista em Gestão
Estratégica de Design e
Inovação e sócia do escritório
de Design Vermelho Panda.

Vivemos em um mundo acelerado, em que pessoas buscam respostas instantâneas para suas sempre crescentes perguntas. Existem poucas respostas definitivas, e muitas perguntas ansiosas. Jovens que não conseguem mais esperar, mesmo que seja na fila do cinema: o celular está sempre em mãos, para ser consultado, como um guru pessoal. Conexões online que se derretem na vida off-line. Para nós, designers, encarar essa realidade é uma atividade instigante e que prende nosso olhar curioso de explorador antropólogo.

Dentro de nosso cotidiano, trabalhamos com empresas, negócios e pessoas que desejam, literalmente, deixar sua marca no mundo. E é nossa função identificar personalidades e propósitos de vida de marcas das mais diferentes áreas de atuação. Com nossa caderneta de pesquisa de campo, exploramos novos mundos para conhecer a realidade de cada pessoa que nos procura. Fazemos anotações das características marcantes de sua individualidade, e depois nos debruçamos em estratégias e trabalhos gráficos, criando identidades visuais e marcas autênticas e com um propósito de vida muito bem definido.

A sociedade se transformou rapidamente, e nosso olhar também se transformou. Hoje as pessoas se importam com aquelas marcas que realmente se importam com as pessoas. O consumo apenas por consumir está deixando de existir, e as pessoas estão mais críticas em relação às marcas e à responsabilidade que elas possuem frente às necessidades reais do mundo. A verdade é que todos nós estamos cansados daquelas marcas vazias, que desejam apenas lucrar e ter mais um cliente “na carteira”. Estamos mais críticos, e buscamos marcas que nos tratam como pessoas, e não como números.

Ser uma marca com propósito significa prometer algo para as pessoas, e também cumprir essa promessa. Isso se chama integridade, afinal marcas são como pessoas. E, de modo consciente ou inconsciente, sempre confiamos nas pessoas honestas. O mesmo acontece com as marcas. O Design é justamente a ferramenta-chave que identifica e desenha estratégias que conectam as marcas com as pessoas, de modo real e autêntico. Com isso, experiências são humanizadas, conexões são construídas, e o mundo vai abrigando mais propósito e mais mudanças positivas. ■

PROGRAMAÇÃO 2018

segundo semestre

01 de setembro

Debates entre literatura e psicanálise: “Os laços de família” em Clarice Lispector

Leitura de contos na parte da manhã e discussões das obras na parte da tarde.

Com o professor de literatura Antônio Leonel e as psicanalistas Fátima Pavan e Rosana Parré.

22 de setembro

O ódio à democracia e o desafio da alteridade: diálogos entre filosofia e psicanálise

Vivemos tempos sombrios, o que nos leva à reflexão de nossa condição social, não somente para lembrarmos do mal-estar social inevitável que nos acompanha, mas também para investigar os desafios que surgem quando se pensa nas possibilidades de experiências democráticas. Partindo da ideia de que horizontalidade de valor entre os humanos (Rancière), buscamos investigar tanto as reações de virulência que assistimos à democracia, quanto o desafio da tênue sustentação de vínculos de alteridade, nos quais a experiência de reconhecimento seja possível, seja como dispositivo relacionais (vínculos de reciprocidade), seja na qualidade de valor instituído como direito social.

Com Tiago Corbisier Matheus.

20 de outubro

Debates entre literatura e psicanálise: Contos de Mário de Andrade

Leitura de contos na parte da manhã e discussões das obras na parte da tarde.

Com o professor de literatura Antônio Leonel, o psicanalista Antônio Gonçalves e o poeta Donny Correia.



A Áustria de Sigmund Freud -



· 8 noites de hospedagem com café da manhã ·
Traslados regulares aeroporto/hotel/aeroporto ·
Jantar de boas-vindas · Circuito regular em
ônibus de turismo com guia acompanhante em
espanhol (com conhecimentos em português) ·
6 passeios regulares · Visita Castelo de Praga ·
Transporte de uma mala média por pessoa.

R\$ 6.730,80

Valor por pessoa em quarto duplo.
*Consulte condições.